

Especial 20 de Novembro

Dia da Consciência Negra



O combate ao racismo e a promoção da igualdade racial no Brasil teve grandes avanços nos últimos anos. A legislação brasileira, depois de anos de inércia ou convivência do Estado em relação ao racismo institucional e sua consequências, decorrentes dos quatro séculos de escravismo criminoso e de mais de um século de uma abolição inacabada, deu um salto de qualidade, a partir da Constituição Federal de 1988.

No campo da educação tivemos a introdução do Art. 26-A na LDB (Lei 9394/96) pela Lei 10.639/03 e alterado pela Lei 11.645/08 que estabeleceu a obrigatoriedade do ensino de história e cultura africana, afrobrasileira e indígena em todo o currículo da educação básica.

No ano de 2010, conquistamos a Lei 12.288/10 que instituiu o Estatuto da Igualdade Racial. Embora ainda carente de muita regulamentação, estabelece um marco legal significativo para as políticas de reparações de ações afirmativas voltadas para a superação das enormes desigualdades presentes em nossa sociedade decorrentes do racismo intrínseco nas relações sociais, políticas, econômicas e culturais brasileiras.

Nessa efervescência de movimentos, lutas e conquistas da população negra do Brasil, o Estado do Paraná não poderia ficar para trás. Ao contrário, em pouco mais de uma década superamos o mito de que no Paraná não havia negros, quando constatamos que somos o Estado mais negro do Sul do Brasil, com 28,26%, conforme dados do censo do IBGE realizado em 2010.

A APP-Sindicato, inserida na luta da população negra paranaense, vem desenvolvendo ações para a superação do preconceito racial no ambiente escolar e nas lutas sociais gerais do Estado.



Encontro de educadores revisa a história pelo olhar dos negros e negras

Saiba um pouco mais sobre a história deste encontro que é reconhecido nacionalmente

"2011 – Ano Internacional dos Povos Afrodescendentes: repensando a história do Brasil, a partir de outras histórias de pensadoras/es, heroínas e heróis negras/os" – esse foi o tema do 8º Encontro de Educadores Negros e Negras que aconteceu em outubro, em Praia de Leste, organizado pelo Fórum Estadual de Educação e Diversidade Étnico-racial, com apoio da Secretaria Estadual de Educação. Através de palestras e mini cursos relacionados, os educadores refletiram sobre a participação da população negra na construção do país.

O curioso é que muitos podem não perceber, mas a participação no evento é uma forma de entrar para a história também. "A nossa ação do Paraná é referência nacional por conta desses encontros. Nenhum estado reúne cerca de 600 professores em eventos como esse. A continuidade também é uma marca, pois são oito anos seguidos desse trabalho. Também temos o primeiro Fórum institucionalizado, publicado em Diário Oficial", relata Paulo Borges, diretor fundador da Associação Cultural de Negritude e Ação Popular – ACNAP e da Comissão Executiva do Fórum Paramente de Educação e Diversidade Étnico Racial do Paraná – FPEDER-PR

O primeiro Encontro aconteceu em 2005, idealizado pela Associação Cultural de Negritude e Ação Popular (ACNAP), Instituto Ilê Odara, Instituto N'Zinga, Movimento Negro Unificado (MNU) e UNEGRO – União dos Negros pela Igualdade. Paulo relembra a importância da APP-Sindicato no início deste processo histórico. "Por volta de 1993 foi organizado o Coletivo de Promoção de Igualdade Racial e foi a partir dessas ações da APP e ACNAP que tudo foi se encaminhando".

A proposta, desde o começo, é fazer um encontro diferenciado, a partir do olhar do educador negro e discutir políticas para essa população. O grande desafio foi (e ainda é) a implementação efetiva da Lei Federal 10.639, de 2003, que in-

Foto: Orlando de Macedo Junior - SEED



Último encontro aconteceu na cidade de Pontal do Paraná

cluiu no currículo escolar a história da África e dos africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional.

Além do Encontro de Educadoras (res) negras (os), também são realizados os Encontros do Fórum e um destes foi na cidade de Marilena. Uma professora escreveu uma carta relatando que diariamente sofria ataques racistas de outra professora. "Isso causou um impacto psicológico muito grande nela. Demorou um mês para ela conseguir escrever a carta". Na plenária final do Fórum realizado em Piraquara, decidiu-se que Marilena seria a sede do Encontro de 2007. Após isso, essa professora passou a participar de todos os encontros e se tornou uma referência, ou seja, conseguiu se recuperar graças às ações desse movimento. "O Encontro não visa só trazer informações, mas acompanhar casos como esse", explica Borges.

Ao longo do tempo o evento foi organizado

com temática específicas. Em 2010, devido aos 100 anos da revolta da chibata, a homenagem foi a João Cândido. Neste ano, lembrou-se o nome de heróis como Antônio e André Rebouças e Abdiás Nascimento, quase desconhecidos até mesmo pelos educadores. A idéia é que os professores usem essas formações para montar um plano de trabalho e aplicar em sala de aula. Paulo Borges destaca o trabalho em escolas de Araucária, cujas ações receberam um prêmio do MEC. "Mas o resultado no estado podia ser maior", ressalva.

O próximo desafio é a continuidade do evento. Elizamara Araújo, secretária de Gênero e Igualdade Racial da APP-Sindicato participou do último encontro e faz a seguinte análise: "O grande medo que senti entre os participantes é a possibilidade de o governo do estado não dar continuidade. O evento não é do governo, ele nasce a partir do movimento negro, não é uma caridade do estado, mas o governo deve garantir a manutenção e continuidade do encontro".

SUGESTÕES DE ATIVIDADES PARA A VALORIZAÇÃO DA CULTURA AFRO



» **APRESENTAÇÃO DE GRUPOS MUSICAIS E DE CAPOEIRA:** convidar grupos de capoeiristas e de samba de roda, maracatu, jongo, coco de roda, afoxé, congada, catumbi, *hip-hop* para apresentação na escola.

» **OFICINA DE PRODUÇÃO DE INSTRUMENTOS MUSICAIS:** trabalhar a musicalidade africana com o uso de materiais simples como cano, canudo, plástico, madeira, sementes, cola, couro, metal, vime, barbantes e outros, instrumentos com forte identidade afro como o caxixi (*instrumento que acompanha o berimbau nas rodas de capoeira*).

» **OFICINA DE PRODUÇÃO DE MÁSCARAS E BONECOS DE PANO:** produzir um elenco de bonecos e bonecas de vários tamanhos que poderão ser utilizados em apresentações teatrais sobre a cultura africana.

» **LANCHES COMUNITÁRIOS:** pedir aos alunos que realizem pesquisa sobre quais receitas africanas foram incorporadas ao cardápio dos brasileiros e organizar lanche comunitário com pratos da culinária africana.

Fonte: CNTE

Nova Coordenação da Secretaria de Gênero e Igualdade Racial (2011-2014)



Elizamara Goulart Araújo
Secretária

Professora de História desde 1992, formada pela Universidade Estadual de Londrina. Foi líder estudantil da ULES, Colégio Estadual Vicente Rijo e do DCE da UEL.

Marilda Ribeiro da Silva
Assessora
E-mail: generoeraca@app.com.br
Tel.: (41) 3026-9822

Deputados se recusam a votar o PL que homenageia a população negra no PR

Após várias manobras políticas, parlamentares conseguem adiar a votação do PL 221/2011

Outubro foi um mês de indignação para o Movimento Negro do Paraná. Três vezes os integrantes foram à Assembleia Legislativa acompanhar a votação do projeto de lei que institui feriado estadual no Dia da Consciência Negra. Em todas elas, saíram decepcionados, sem nenhum resultado.

O PL 221/2011, de autoria do deputado Professor Lemos, está na assembleia desde 2009. Ele foi reapresentado em fevereiro e obteve o parecer favorável em todas as comissões da casa, sendo o último da Comissão de Constituição e Justiça (CCJ). A data lembra o aniversário de morte de Zumbi dos Palmares e já é feriado em outros oito Estados. O dia 20 de novembro é celebrado nacionalmente desde 2003, estipulado pela Lei Federal 10.639/03, que também incluiu no calendário escolar a história da África e dos africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro para a história do país.

Já há um PL aprovado no Congresso com a aprovação do mesmo feriado no âmbito nacional, que deve ser sancionado pela presidência. Porém o movimento negro busca reconhecimento local. "A lei estadual é importante visto que na história do Paraná, infelizmente, tem se omitido a contribuição da população negra", argumenta Luiz Carlos Paixão, secretário de Imprensa da APP.

Os integrantes do Movimento Negro se sentiram desrespeitados pelos parlamentares. "O que ficou marcado foi a falta de consideração com nossa contribuição. Eles são contrários mas não querem admitir para não se expor. Têm a mentalidade que Curitiba é uma cidade europeia e não reconhecem a existência de quase 30% de população negra e parda no estado", protesta Carlos Augusto de Jesus, militante do Movimento Negro.



Foto: Leandro Taques

Diretoria da APP e Movimento Negro conversam com parlamentares

Na primeira votação, no dia 24 de outubro, o projeto foi devolvido para a CCJ graças a uma letra "i" – um erro de digitação no final no parecer, esclarecido em sessão pelo próprio autor. No dia 26, data em que as galerias estavam lotadas após as manifestações do Dia do Servidor, a sessão simplesmente foi cancelada. Após quinze minutos de atraso, Rossoni alegou falta de quórum, suspendendo a sessão.

Lideranças do movimento negro do Paraná, o deputado estadual Professor Lemos autor do projeto e representantes da APP-Sindicato passaram o resto daquela tarde visitando os parlamentares. Apresentaram a moção de apoio aprovada no VIII Encontro de Educadoras(es) Negras(os) do Paraná. Ademar Traiano, líder do governo, mostrou-se receptivo e comprometeu-se a conversar com o governador para orientar a bancada na votação seguinte.

No início da sessão do dia 31, Marcilene Garcia de Souza, socióloga do Instituto de Pesquisa

da Afrodescendência (IPAD), fez um resgate da história do(a) negro(a) no estado, justificando a importância da aprovação do projeto. Mesmo assim (com o apoio de Traiano), o projeto foi adiado por 10 sessões através de um requerimento levado à mesa minutos antes da votação. Os proponentes do documento, aprovado por 33 votos contra 10, alegavam ser necessário mais tempo para analisar o assunto. Apenas a bancada do PT e três deputados do PMDB votaram para que o PL prosseguisse em votação. "Esse requerimento é uma tentativa de não votar o projeto. Quem votar a favor está votando contra o movimento negro", escancarou Professor Lemos, em meio à sessão. O constrangimento foi tamanho que houve quem pedisse que a votação fosse secreta.

"Infelizmente os deputados perderam a oportunidade de colocar o Paraná na vanguarda, porque em muitos lugares já se reconhece a importância desse dia", lamenta Elizamara Araújo, da Secretaria de Gênero e Igualdade Racial da APP.

AGENDE-SE

De 05/11 a 20/11

Semana da Consciência Negra promovida pela ACNAP.

Veja toda a programação no site da

APP-Sindicato: www.appsindicato.org.br

11 a 13/11

VI Seminário Mulheres Negras e Saúde, promovido pela Rede de Mulheres Negras do PR.

Local: Hotel Centro Europeu - Curitiba/PR

19/11

Mesa Redonda sobre o Dia da Consciência Negra, promovido pela Sec. de Gênero e Igualdade Racial da APP Sindicato e CUT/PR.

17h - Sintracon - Rua Mateus Leme, 324 - Centro - Curitiba/PR

30/11

Votação do PL 221/2011, na Assembléia Legislativa do Paraná.

15/12

Seminário sobre a implantação das leis 10.639/2003 e 11.645/2008: Balanço, perspectivas e desafios, promovido pela CNTE, em Brasília

Personalidades do Movimento Negro



Marcilene Garcia de Souza

Neste mês de outubro, durante o 8º Encontro de Educadores Negros e Negras, a socióloga do Instituto de Pesquisa da Afrodescência (IPAD), Marcilene Garcia de Souza, lançou seu livro "Africanidades Paranaenses", pela editora Grafset. A obra trabalha as contribuições dos povos africanos e seus descendentes na formação da população e da cultura do Estado do Paraná, com informações sobre literatura, arte, música, dança e manifestações religiosas. São 4 capítulos: "Contribuição da população negra", "Escravização e resistência", "O negro na sociedade paranaense" e "Para saber mais". Marcilene também é Diretora do Núcleo de Pesquisa do IDDEHA - Instituto de Defesa dos Direitos Humanos e é a primeira mulher negra de Curitiba a se tornar doutora em sociologia.

Cássios Marcelus Cruz

Cassio é mestrando em Educação pelo PPGE - UFPR com o tema Educação Quilombola, além de professor de História da rede estadual e membro do Coletivo da Promoção da Igualdade Racial da APP Sindicato. Fez parte da equipe de pesquisa de campo do Grupo de Trabalho Clóvis Moura, responsável pelo levantamento das Comunidades Quilombolas entre 2006-2007 e também coordenou o Núcleo de Educação das Relações Étnico-Raciais do Departamento da Diversidade da SEED durante o período de 2009 a 2010.



DIA 25 DE NOVEMBRO: “DIA DE LUTA CONTRA A VIOLENCIA SOFRIDA PELAS MULHERES”

Homenageando “Acotirene” mulher negra, força ancestral de Zumbi, tão pouco lembrada.

Violentadas em nosso pertencimento. Sofremos todo tipo de violência, somos invisíveis, a grande maioria das mulheres negras está sozinha.

Apesar de toda violência que sofremos, somos guerreiras, não fugimos da luta, pois acreditamos em mudanças, buscamos direitos iguais e seguimos combatendo todo tipo de violência. O preconceito racial é invisível para tantos, mas não para nós, este tipo de violência é real para nós mulheres negras.

Através de encontros, seminários e outros momentos buscamos o fortalecimento da autoestima e o reconhecimento da identidade afro brasileira das nossas companheiras negras. E como diria Charles Hughes: “Quando perdemos o direito de ser diferentes, perdemos o privilégio de ser livres!”

Luta, Força E Resistência, SEMPRE!

Convivemos todos os dias com uma cultura machista e preconceituosa, as estatísticas mostram que a todo momento mulheres são espancadas, violentadas física e moralmente. Quando se trata da mulher negra, junta-se ao quadro a invisibilidade, o preconceito nas escolas, no mercado de trabalho, enfim, grande parte da sociedade brasileira nos rejeita.

E nós, mulheres negras, fomos, somos e seremos agentes de mudanças na nossa sociedade, sabemos de nosso potencial. É triste quando muitas vezes nos culpam pelo fato de não estarmos inseridas nos espaços de poder (mercado de trabalho, universidade, governo) esse tipo de violência é constante; se não temos a oportunidade de um bom trabalho, moramos mal, nossas(os) filhas(os) ficam fora de boas escolas, etc, o que dificulta a ascensão.

Estamos na base da pirâmide: mulher, negra e pobre. Somos triplamente discriminadas,

Aracy Adorno Reis

Aracy Adorno Reis receberá, no dia 25 de novembro, o Prêmio Dorcelina Folador, por indicação da Secretaria Municipal da Mulher de Maringá.

O Prêmio representa uma homenagem por sua atuação permanente no combate à discriminação racial e de gênero. A Profª Aracy Adorno Reis é presidente fundadora do Instituto de Mulheres Negras Enedina Alves Marques, ativista fundadora da Associação União e Consciência Negra de Maringá, membro do coletivo de Promoção da Igualdade Racial APP - Sindicato, Conselheira Fiscal da APP Sindicato.



Sugestões de filmes

A Autobiografia de Miss Jane Pittman – A história de uma mulher que nasceu escrava em 1850 e viveu para fazer parte dos movimentos pelos direitos civis dos negros nos anos 1960.

Mississippi em Chamas - Em 1964, dois agentes do FBI vão a uma cidadezinha do Mississippi investigar os assassinatos de três militantes dos direitos civis: dois negros e um judeu.

As Barreiras do Amor - Michelle Pfeiffer é uma dona de casa que decide ir de ônibus para o funeral do presidente Kennedy. No ônibus, senta-se próxima a um negro. Um retrato do preconceito nos anos 60.

Um Grito de Liberdade - Nos anos 70 na África do Sul, um jornalista branco fica amigo de um ativista negro que acaba morto na prisão. O jornalista então resolve divulgar o fato.

Flor do Deserto - Baseado na autobiografia da modelo somali Waris Dirie (Liya Kebede), circuncidada aos cinco anos e vendida para um casamento arranjado aos 13 anos. A garota fugiu e acabou se tornando modelo, além de embaixadora da ONU no combate à mutilação genital feminina.

Assassinato Sob Custódia - África do Sul, 1976. Um professor que toma consciência da terrível realidade do seu país resolve enfrentar o sistema.



O TEMPO QUE SEPAROU
NOSSOS CONTINENTES
É O MESMO
QUE une
NOSSAS
CULTURAS.

